


# “LIKE OU NÃO LIKE”: A ESCUTA, A PARTICIPAÇÃO, A NEGOCIAÇÃO E A ANUÊNCIA DAS CRIANÇAS DA ESCOLA COMUNITÁRIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO LIXÃO

## “Like or not like”: the listening, participation, negotiation and consent of children from a community primary school at the dump


**Vanessa Silva BERNARDES**

Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
Osório, Brasil

[vanessa-bernardes@uergs.edu.br](mailto:vanessa-bernardes@uergs.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-6901-648X> 


**Eduardo Rangel INGRASSIA**


Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
Osório, Brasil

[eduingrassia@gmail.com](mailto:eduingrassia@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0005-9346-9434> 

**Leandro FORELL**

Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
Osório, Brasil

[leandro-forell@uergs.edu.br](mailto:leandro-forell@uergs.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-8946-4773> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

### RESUMO

O artigo tem como objetivo relatar as vivências e reflexões éticas produzidas em uma etnografia com crianças, com idade entre 3 anos e 5 anos e 11 meses, que frequentam a Escola Comunitária de Educação Infantil, situada na área territorial do Aterro Sanitário Municipal, no Litoral Norte Gaúcho, representado emicamente como lixão, durante o procedimento de apresentação do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Metodologicamente, escolhemos a etnografia com crianças e adotamos o diário de campo como instrumento. A reflexividade foi construída com base teórica nas produções recentes no campo dos Estudos Sociais da Infância. Os achados mostram a emergência de refletir sobre os modos de participação e escuta das crianças, sobretudo trazendo para o TALE e para os textos das pesquisas suas contribuições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Ética. Etnografia com crianças. Educação infantil.

### ABSTRACT

The paper aims to report the ethical reflections and experiences produced in an ethnography with children, aged between 3 years and 5 years and 11 months, who go to the Community Primary School, located within the territorial area of the Municipal Sanitary Landfill, in the Northern Coast of Rio Grande do Sul, emically represented as dump, during the presentation procedure of the Free and Informed Consent Form. Methodologically, we chose the ethnography with children and adopted fieldnotes as instrument. The reflexivity was constructed based on a literature review of recent productions in the field of Childhood Social Studies. The findings show the need to reflect upon the children's ways of participating and listening, especially in terms of making contributions to the Consent Form and the texts of the studies.

**KEYWORDS:** Free and Informed Consent Form. Ethics. Ethnography with children. Early Childhood Education.

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, no campo da Educação Infantil e das pesquisas com/sobre/para crianças (Carvalho, 2022)<sup>1</sup>, cada vez mais pesquisadores das infâncias (Buss-Simão, 2012; Carvalho, 2022; Corsaro, 2005, entre outros) têm colocado em pauta os desafios éticos que permeiam toda a criação da pesquisa com esse público, desde a construção dos objetivos, a metodologia, a busca de referencial teórico, os instrumentos, a produção de informações e a análise dos mesmos, bem como a devolução da pesquisa para a comunidade. Além destes desafios, os mesmos pesquisadores têm enfatizado que a ética se faz no encontro do pesquisador com os participantes, no cuidado com os dizeres e os fazeres, na escuta atenta do outro e, sobretudo, na necessidade de acionar uma espécie de radar ético (Buss-Simão, 2012) durante todas as etapas da pesquisa.

Conceitualmente, tal como Santos (2017, p. 249), compreendemos a ética em três níveis, ética das normas, ética de princípios e ética de relação<sup>2</sup>. Assim, consideramos ser fundamental no campo das pesquisas com crianças “colocar em pauta a dimensão social da ação humana, seja no que se refere às demandas frente às quais o sujeito se posiciona, seja em relação às novas demandas que ele cria com as suas decisões” (Pereira, 2015, p. 55).

A partir desta conceitualização, entre os aspectos legais envolvendo as pesquisas com crianças, para este artigo, especificamente, destacamos os desafios éticos experienciados durante a elaboração e a aplicabilidade do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) na pesquisa com crianças. Mais precisamente, como objetivo, buscamos relatar as vivências e reflexões éticas produzidas em uma etnografia com crianças, com idade entre 3 anos e 5 anos e 11 meses, na Escola Comunitária de Educação Infantil, situada na área territorial do Aterro Sanitário Municipal no litoral

---

<sup>1</sup> Carvalho (2022) explica os sentidos imbricados quando utiliza as preposições “com”, “para” e “sobre” nas pesquisas envolvendo crianças. “Com” refere-se ao envolvimento das crianças no processo de fazer pesquisa, na construção e na escuta dos infantes. “Para” está mais ligado aos efeitos das pesquisas desenvolvidas na vida das crianças, no contexto em que o pesquisador está atuando, nos docentes. “Sobre” é o modo como os pesquisadores estão narrando as crianças e está intimamente ligado a um posicionamento ético.

<sup>2</sup> Santos (2017) refere-se aos três níveis de ética considerando que: a ética de normas, baseada no cumprimento de regras ou obrigações estabelecidas no código de conduta que regulamenta a respectiva área de atuação institucional do sujeito; ética de princípios, baseada na convicta adesão a princípios e valores inscritos na consciência, não somente porque estão estabelecidas no código de ética, mas porque as considero justas; ética de relação, inspirada na disposição a deixar-se afetar e responsabilizar-se por outrem, com suas necessidades, exigências e limites únicos.

norte gaúcho, representado emicamente como lixão<sup>3</sup>, durante o procedimento de apresentação do TALE. No entanto, reforçamos a ideia de que o TALE “ainda que legal e eticamente necessário, não pode substituir a concordância a ser dada pelas crianças em participar da pesquisa” (Pereira, 2012, p. 81).

Sobre o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, os autores Carvalho, Santos e Tebaldi (2023), em um processo investigativo mais amplo e recente, desenvolveram uma pesquisa do tipo estado do conhecimento, cujo objetivo foi analisar as discussões éticas presentes em pesquisas com crianças na Educação Infantil, constituída de 32 investigações, sendo seis teses e 26 dissertações realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Estudos sobre Infâncias, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), no período de 2006 a 2021.

Dentre os aspectos analisados em 15 pesquisas inventariadas, Carvalho, Santos e Tebaldi (2023) constataram e alertaram os leitores para a ausência do TALE em dez pesquisas, ou seja, apenas cinco o apresentaram. Contudo, esclarecem que, a ausência do TALE “não significa que os pesquisadores não se preocuparam com o assentimento das crianças em suas investigações” (Carvalho; Santos; Tebaldi, 2023, p. 33). Por outro lado, os autores defendem que o TALE seja incluído já no projeto de pesquisa, assim como em teses ou dissertações. Igualmente, os pesquisadores salientam que, “[...] além da apresentação do documento, é crucial que haja uma discussão densa sobre os processos de negociação do aceite das crianças no trabalho de campo, explicitando a salvaguarda ética do pesquisador” (Carvalho; Santos; Tebaldi, 2023, p. 33).

Já pensando nestas especificidades que contemplam a apresentação do TALE e as negociações junto às crianças que reverberam deste processo, os pesquisadores Francisco, Azevêdo e Pereira (2021) analisaram a fluência digital de crianças que não têm acesso cotidiano a recursos informatizados. A pesquisa em questão, realizada em uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, trabalhou com oficinas de informática com um grupo específico de dez crianças matriculadas no 6º ano do Ensino Fundamental II de turmas distintas, sem diferenciação de sexo, raça e/ou faixa etária, e mediante os interesses das crianças em participarem da pesquisa. Dentre os procedimentos éticos, os autores criaram um TALE no formato de história em quadrinhos.

A discussão realizada por Francisco, Azevêdo e Pereira (2021) é feita no sentido de apresentar a necessidade de criação de TALEs que sejam inteligíveis para as crianças,

---

<sup>3</sup> A expressão “lixão” foi utilizada, tendo em vista que é desta forma que os sujeitos participantes da pesquisa narram esse espaço, neste sentido, utilizou-se o padrão ético de manter termos êmicos como respeito aos significados produzidos por essas pessoas. Em outros momentos deste artigo esse mesmo critério será adotado (Geertz, 1989).

construídos de acordo com cada protocolo de pesquisa e considerando a cultura infantil e os contextos em que as crianças estão inseridas. Para os autores, o TALE apresentado no formato de história em quadrinhos despertou nas crianças o desejo de participar da pesquisa “mediante a utilização de um diálogo simples, intuitivo, ilustrativo e colorido” (Francisco; Azevêdo; Pereira, 2021, p. 342).

Paralelo a estas constatações, pontuamos que, no tempo do campo, durante o fazer etnográfico com as crianças da Escola Comunitária de Educação Infantil, no ano letivo de 2022, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) tornou-se mais que um documento que constitui orientações éticas e metodológicas para a produção das informações e a obtenção da anuência das crianças participantes da pesquisa. Já preconizado na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012), e na Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (Brasil, 2016), o termo assumiu, no campo com/das crianças, a importante função de apresentar as opiniões, ações e desejos das crianças durante todo o processo de investigação.

Assim, a partir desta experiência, para discutir os aspectos de ordem mais teórica, e pensarmos as singularidades éticas acerca do TALE e sua aplicabilidade em uma etnografia com crianças, buscamos não apenas as bases legais contidas na Resolução nº 466 (Brasil, 2012) e na Resolução nº 510 (Brasil, 2016), mas também alguns aportes específicos no campo dos Estudos Sociais da Infância, entre eles: Buss-Simão e Agostinho (2023), Carvalho, Santos e Machado (2022) e Kremer (2019). Estes pesquisadores buscam, cada um a seu modo, na contemporaneidade, discutir aspectos a serem considerados sobre o tema, sobretudo quando promovem a reflexividade em uma dimensão mais ampla, que circunscreve uma pauta ética em pesquisa com/para/sobre crianças que permeia todo o processo investigativo (Carvalho, 2022). No entanto, ressaltamos que o contrato que regulariza e padroniza o encontro do pesquisador com as crianças não resolve os embates éticos dessa relação (Pereira; Gomes; Silva, 2018).

Frente ao exposto, para compor a reflexividade e o diálogo a que nos propomos, organizamos o artigo em quatro seções. Após esta seção introdutória, apresentaremos, na segunda seção, as composições ético-metodológicas que possibilitaram escutar e descrever densamente as minúcias que foram produzidas junto às crianças no contexto que estão inseridas. Na terceira seção, explicitamos as especificidades éticas que permearam a montagem e a organização do TALE e, na sequência, a quarta seção aborda o processo de busca pela anuência das crianças durante a apresentação do TALE, de modo que, não somente nesta apresentação, mas em todo processo investigativo,

fossem consideradas a escuta e os seus pontos de vista, além de ficarem asseguradas quanto ao direito de opinar, participar, expressar e negociar os seus desejos durante todo o tempo da pesquisadora (autora principal) no campo. Isto é, nesta seção, buscamos entrelaçar as empirias produzidas com/pelas<sup>4</sup> crianças e a reflexividade do diário de campo a um diálogo mais amplo, formulando conhecimentos e produções acadêmicos recentes ligados ao campo dos Estudos Sociais da Infância sobre o tema. Por fim, compartilharemos as considerações finais.

## **METODOLOGIA PARA ESCUTAR E DESCREVER AS MINÚCIAS PRODUZIDAS COM/PELAS CRIANÇAS**

Considerando a pauta ética acerca da construção e aplicabilidade do TALE junto às crianças, bem como a manutenção do assentimento diário das crianças no tempo do campo, procuramos construir um aporte metodológico e ético com base nas contribuições do campo disciplinar da Antropologia.

Deste modo, o escopo apresentado relata as vivências e reflexões éticas produzidas em uma etnografia com crianças durante o procedimento de apresentação do TALE. Indicamos que o artigo em questão se ancora, em seus fundamentos, em uma pesquisa qualitativa (Angrosino, 2009) desenhada a partir de uma etnografia com crianças (Cohn, 2005; Geertz, 1989) e, nesta condição, constrói uma participação ativa e escuta as crianças nas diversas dimensões da vida social, comum aos campos dos Estudos da Infância e da Educação Infantil e subscrevendo ainda a sua importância para as conhecermos a partir delas mesmas.

Diante deste desenho metodológico, entendemos, acima de tudo, que com uma pesquisa qualitativa não buscamos meramente enumerar ou medir eventos; antes disso, nossa ideia é partir das informações cuidadosa e densamente (Geertz, 1989) descritas de modo a compreender como se expressam os sentidos dos fenômenos e artefatos sociais (Angrosino, 2009). Pontualmente, conforme Geertz (1989), a descrição densa não significa descrever as minúcias ou detalhes de um fato, sendo a primeira etapa ou condição da sua realização, e sim situar essa descrição na teia simbólica em que o fato se inscreve. De mais a mais, para tornar a descrição densa é preciso interpretar, ou traduzir, o significado que as ações e os eventos acionados pelos atores

---

<sup>4</sup> A preposição "com" refere-se ao envolvimento das crianças no processo do fazer etnográfico e a preposição "pelas" refere-se à efetiva participação como copesquisadoras da investigação (Pastore, 2021).

sociais no campo da pesquisa têm para eles próprios, além de enunciar o que esse significado informa sobre a cultura a que se refere.

Metodologicamente, a etnografia com crianças tem sua contribuição no sentido de nos permitir observar diretamente o que elas simbolizam e como simbolizam (Geertz, 1989), além de ouvir o que têm a dizer sobre o mundo (Cohn, 2005) em cada grupo e em cada sociedade.

Neste sentido, defendemos a necessidade de pensar as pesquisas etnográficas com crianças a partir do paradigma da 'dupla relativização', ou seja, sustentamos que é necessário articular tanto a relativização geracional, quanto a relativização local. Compreendemos a relativização geracional como aquela que é produzida pelas crianças a partir de seus pares (Corsaro, 2005), que é própria, mas que tem relação com a cultura dos adultos. Já a relativização local, se caracteriza, dentro da tradição antropológica, pela diferenciação cultural própria, construída em cada espaço social, e que nos dias de hoje, de globalização, ela é produzida na relação com elementos culturais mais amplos (Canclini, 1997).

Este foi o desafio teórico-metodológico que nos foi posto frente à escolha de investigar as infâncias e os elementos que ecoam das vozes das crianças (mais efetivamente as culturas infantis e as formas de interação e significação das crianças). Nesta interlocução sublinhamos a observação participante (Malinowski, 1978) e o diário de campo (Winkin, 1998) como instrumentos importantes para saber olhar, ouvir e escrever (Oliveira, 1996), o lugar de sujeito que ocupamos na relação com o campo e com o outro (as crianças).

Para melhor compreender as escolhas metodológicas e seus instrumentos, destacamos que, no percurso da etnografia, escolhemos como campo empírico a Escola Comunitária de Educação Infantil "Cantinho da Esperança Pessi", localizada em uma comunidade de catadores de lixo no município de Capão da Canoa, litoral gaúcho, durante o ano de 2022. São sujeitos deste estudo dez crianças com idades de 3 a 5 anos e 11 meses que frequentam a instituição referida<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Contextualizamos, ainda que brevemente, que a Escola Comunitária de Educação Infantil Cantinho da Esperança Pessi, lócus da pesquisa, obteve o credenciamento e a autorização de funcionamento em 15 de dezembro de 2008. O espaço constituiu-se a partir da necessidade de um grupo de catadoras/es de lixo, que têm na coleta de lixo reciclável sua única fonte de renda. Dentre as/os trabalhadoras/es, especificamente, destaca-se o número expressivo de mulheres, que necessitam desta fonte de renda para manter e subsidiar suas famílias. Outro ponto comum a este aspecto diz respeito à distância das moradias destas famílias em relação ao lugar de trabalho (15 km) – por vezes, demandava a terceirização dos cuidados dos filhos destas trabalhadoras para vizinhos ou mesmo para os irmãos, em sua maioria menores de idade. De acordo com as memórias narrativas de algumas trabalhadoras, "em uma oportunidade, um empresário no ramo imobiliário do município esteve visitando o espaço do aterro sanitário e viu as crianças, os filhos e as filhas, das/os trabalhadores, brincando por entre o lixo. Daí surgiu a ideia de construir a

Informamos ainda aos leitores que a entrada no campo ocorreu no dia 10 de março de 2022 e a saída do campo no dia 22 de dezembro de 2022. As visitas foram semanais e, inicialmente, ocorriam duas vezes na semana em dias e turnos alternados, mas, com o passar dos dias e as informações que emergiram do campo, foi necessário reorganizar as visitas, com o intuito de permanecer mais horas e menos dias durante a semana.

Foram realizadas no período de nove meses 46 visitas ao campo, completando 268 horas de interação com as crianças e as/os profissionais da educação, bem como com as/os trabalhadoras/es do Aterro Sanitário Municipal. Cabe deslindar que, em um primeiro momento, o envolvimento se deu na constituição de vínculos com a comunidade de trabalhadoras/es do Aterro Sanitário Municipal, com as/os profissionais da educação e especialmente com as crianças. No sentido da dupla relativização, a pesquisa com crianças depende também de um duplo consentimento, uma vez que os estabelecimentos de vínculos de confiança com as crianças, não está dissociado da relação que esses possuem com seus responsáveis. Compreendemos que esse desdobramento foi importante no sentido que a entrada em campo dependia de um bom processo de negociação. Em relação ao vínculo com os estudantes, nos apoiamos em Corsaro (2005, p. 446), nos esforçando ao máximo para participar das culturas infantis produzidas naquele espaço: "Estou convicto de que as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar dela para documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças - ser uma delas tanto quanto podia".

Em outras palavras, significa sentir e viver o *ethos* estabelecido/criado em cada lugar pelos atores sociais que ali estão através de uma interiorização na/da vida, participando da dinâmica local no tempo em que ocorre (Geertz, 1989). Assim, na seção que segue, singularmente, compartilhamos algumas das especificidades éticas que permearam a montagem e a organização do TALE.

---

*creche*" (*Diário de campo*, 18 abr. 2022). A partir do conhecimento da necessidade de acolhimento destas crianças pequenas e, por consequência, da destinação de um espaço para implantação de uma "creche", em abril de 2007, o responsável pela empresa de empreendimentos imobiliários do Grupo Pessi manifestou sua intenção e dispôs, por meio de uma rede que unia Poder Público, Privado e Sociedade Civil, a construção de um prédio de alvenaria com área de 145,76 m<sup>2</sup>, para o atendimento de educação e cuidado às crianças, filhos e filhas dos trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal. Cabe salientar que inicialmente a escola Comunitária de Educação Infantil era mantida pela associação de trabalhadores. Não há informações do momento exato em que a Secretaria Municipal de Educação assumiu a gestão da instituição.



## AS ESPECIFICIDADES METODOLÓGICAS E ÉTICAS QUE PERMEARAM A MONTAGEM E A ORGANIZAÇÃO DO TALE

No ano de 2021, quando construímos o projeto de pesquisa e discutimos, no Grupo de Estudos em Práticas Educativas Cotidianas (GEPRACO), as especificidades éticas dos termos que estariam presentes no projeto e no seu processo de submissão junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (CEP/UERGS)<sup>6</sup>, elaboramos um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) com o propósito de apresentar todas as informações que dizem respeito à pesquisa em um texto escrito com aspectos visuais (como fotos e ilustrações que se aproximasse de seus contextos), a fim de fazer com que as crianças compreendessem que se tratava de um convite para a participação em uma pesquisa em que elas, as crianças, seriam os atores sociais centrais.

A construção deste modelo no formato formal (ainda que ilustrado), nos suscitou algumas dúvidas quanto aos modos de organização e apresentação que estariam mais adequados com a idade e o grupo de crianças escolhidos. Neste sentido retomamos a orientação contida na Resolução nº 510 (Brasil, 2016) sobre o processo de comunicação do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE):

[...] pode ser realizado por meio de sua expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais de pessoa ou grupo de pessoas participante da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas.

Miranda *et al.* (2017), por exemplo, elaborou uma cartilha em formato de TALE. No processo de construção da cartilha, a pesquisadora elencou alguns questionamentos sobre as lacunas existentes na Resolução nº 466 (Brasil, 2012), pois o documento não apresenta maiores esclarecimentos sobre o TALE: “De que forma ele deve ser aplicado? Em forma de texto ou por meio de imagens? O que devo incluir como informação?” (Miranda *et al.*, 2017, p. 2). A partir destas indagações, Miranda *et al.* (2017, p. 2) faz menção a passagem “para que serve um livro sem figuras nem diálogos?” da obra *Alice*

---

<sup>6</sup> A pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa ante o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n.º 64734322.0.0000.8091. Indicamos que após a obtenção da aprovação os procedimentos acerca da pesquisa foram iniciados. Foi elaborado inicialmente o Termo de Anuência da Instituição (TAI) que foi apresentado à gestora da Secretaria Municipal de Educação e, também, para a coordenadora da Escola Comunitária de Educação Infantil Cantinho da Esperança Pessi para autorização de pesquisa. Também foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais ou responsáveis pelas crianças, para os profissionais da educação e para as/os trabalhadoras/es do Aterro Sanitário Municipal considerando as especificidades de cada grupo de participantes e, as etapas a serem observadas para que o convidado a participar da pesquisa pudesse se “manifestar de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida” (Brasil, 2012, p. 5).



*no país das maravilhas* (Carroll, 1998), “apontando para o fato de que precocemente as crianças aprendem a interagir com as imagens, pois elas estão por todo lado, quer seja pela visualização, quer seja pela produção”.

As indagações suscitadas pela pesquisadora nos levaram a reflexividade e, nas idas ao campo, como estratégias de cuidados para respeitar os desejos e opiniões das crianças em participar ou não das interações, em um primeiro momento, optamos por não realizar a entrega do TALE de modo impresso e formal elaborado inicialmente na etapa de construção do projeto. Foi necessário acionar o radar ético (Buss-Simão, 2012) e colocar em pauta a lógica de que com um maior tempo no campo com as crianças teríamos a possibilidade de construir maiores vínculos e, conseqüentemente, proporcionaríamos a elas um sentimento mais profícuo de segurança e confiança junto aos pesquisadores. Ciente de que este é mais do que um processo formal, o movimento de informar e solicitar o assentimento das crianças nos acompanhou diariamente durante todo o período que estivemos em campo produzindo a pesquisa até o momento desta escrita.

Pensando nos modos de aplicabilidade, especialmente por se tratar de uma etnografia com crianças entre 3 e 5 anos e 11 meses, sentimos a necessidade de transformar o TALE em Fichas ilustrativas, que passaram a desenhar e conduzir o passo a passo da etnografia, oportunizando a interatividade entre os pesquisadores e as crianças. Foram construídas 12 fichas, as quais foram separadas para contextualizar a pesquisa em duas etapas.

Para a primeira etapa da apresentação das informações foram organizadas seis fichas, nas quais buscamos situar e identificar os responsáveis pela pesquisa, o objetivo, o campo (lugar e o local) e o grupo de crianças escolhidas para participar da etnografia (Quadro 1).

Quadro 1 – Fichas ilustrativas para apresentação do TALE na primeira etapa

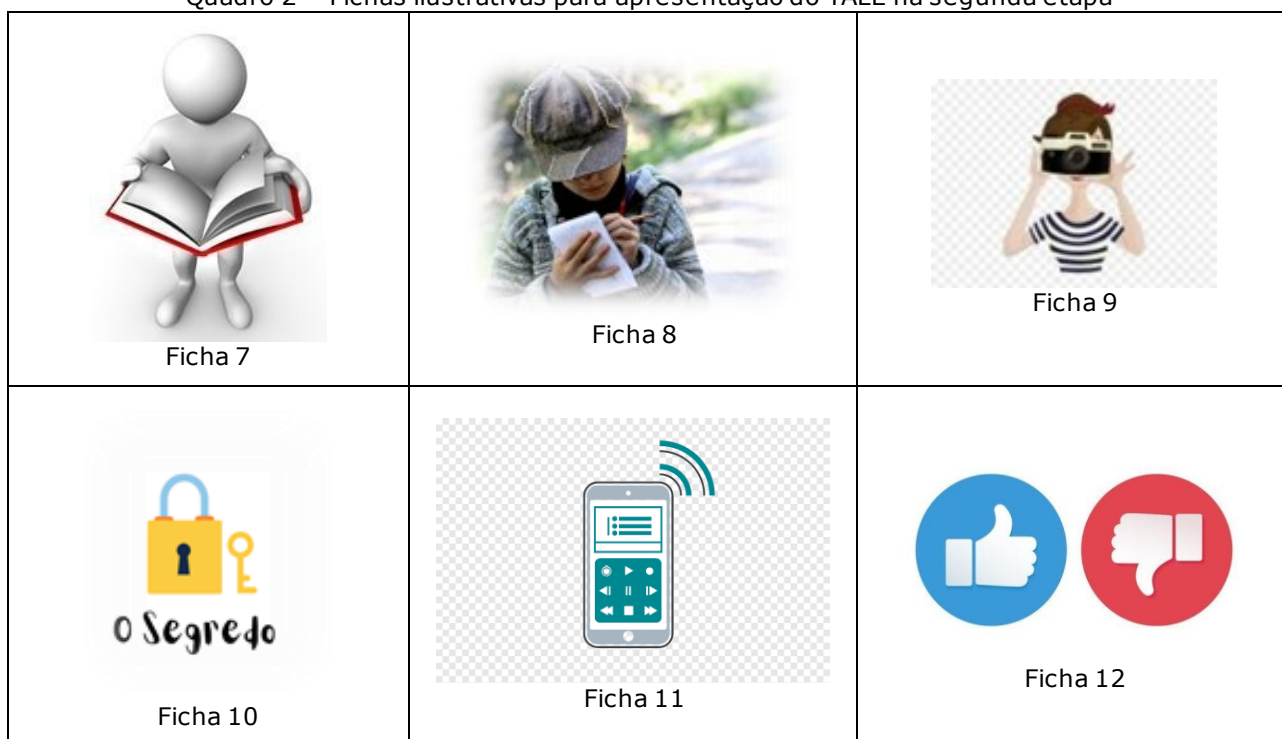




Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Para a segunda etapa organizamos as outras seis fichas, que ilustraram como e quando ocorreriam as visitas, bem como os aspectos que dialogavam com o sigilo e a privacidade da identidade dos partícipes, além do convite à participação (Quadro 2).

Quadro 2 – Fichas ilustrativas para apresentação do TALE na segunda etapa



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

No tempo que envolveu a dinâmica de aplicabilidade do TALE e a organização do espaço, destacamos a importante participação e o auxílio da professora itinerante Juliana<sup>7</sup>. A partir dos seus movimentos foi possível apreender, com maior cuidado e atenção, as ações, as reações e as manifestações das opiniões das crianças que passaram a compor a seção analítica.

<sup>7</sup> Nome fictício.

## **ANUÊNCIA DAS CRIANÇAS DA ESCOLA COMUNITÁRIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Como dito anteriormente, para o momento da apresentação do TALE, foi necessário que pensássemos não somente no espaço mais adequado, mas também nas condições deste espaço. Inicialmente, organizamos, sobre a mesa onde as crianças costumavam realizar algumas atividades, todas as fichas que ilustravam os preceitos éticos desenhados no TALE construído em um formato formal. Espontaneamente, as crianças imersas em curiosidade começaram a escolher seus lugares, de modo que elas ficassem posicionadas o mais próximo possível e conseguissem visualizar as fichas sobre a mesa.

Separamos no centro da mesa as fichas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 que correspondiam ao objetivo, a ilustração dos responsáveis pela pesquisa, o campo (especificando o município onde está localizado o campo e o lugar onde ele se constitui), seguido da ilustração e apresentação do grupo de crianças escolhido para a pesquisa. Imersas em curiosidades e indagações, as crianças conversavam:

**Alice:** *O que é isso? [tomando a ficha 3 para si].*

**Pesquisadora:** *Esta é a universidade, onde eu estudo.*

**Davi:** *A gente não conhece a tua escola, a gente pode ir um dia conhecer?*

**Isaac:** *Eu também não conheço, será que a gente pode ir lá? (Diário de campo, 29 maio 2022).*

Preliminarmente, a primeira etapa já nos apresentava algumas surpresas a cada reação expressa pelas crianças. Adiantamos que jamais poderíamos prever que uma simples imagem despertaria o desejo das crianças em conhecer a universidade, ou como narrado por Alice: "a tua escola de gente grande. É legal!" (Diário de campo, 29 maio 2022). Para ficar mais próxima às crianças, adotamos o uso do termo escola ao invés de universidade, e explicamos que a nossa escola estava localizada longe da Escola Comunitária de Educação Infantil, mas que diante dos seus pedidos, iríamos ver a possibilidade de levá-las até a unidade, mas, que num primeiro momento, teríamos que conversar com a professora e com a coordenadora e, caso elas concordassem, seria solicitado às mães a autorização; só assim poderíamos organizar essa saída de campo. Neste seguimento, a cada imagem apresentada surgiam novas e inesperadas revelações. As crianças tomavam em suas mãos e observavam cada detalhe, elaborando evidências que acabavam por dar maior potência e significado para a

experiência, como ocorreu quando foi anunciada a ficha ilustrativa que apresentava a professora<sup>8</sup> pesquisadora (autora principal) e o professor orientador da pesquisa.

**Issac:** *Aqui é tu [referindo-se à pesquisadora], só que está com outro cabelo [pois, na imagem, estava com o cabelo mais claro e solto].*

**Natalia:** *Eu não sei quem é este homem [ficha 2].*

**Pesquisadora:** *Quem vocês acham que é?*

**Alice:** *É o meu tio.*

**Pesquisadora:** *Seu tio? Este é o meu professor lá na UERGS (Diário de campo, 29 maio 2022).*

Convergente a estas provocações suscitadas pelas crianças e os modos de se dirigir aos adultos por meio da expressão “tio” ou “tia”, abrimos um parêntese à reflexividade produzida por Fonseca (2021, p. 130) no relatório de sua dissertação, quando a pesquisadora problematiza o fato de as crianças se dirigirem à professora por meio do uso da nomenclatura “tia” e utiliza do educador Paulo Freire para enfatizar que:

[...] ser professora implica que se tenha uma profissão diferente de ser tia [ou tio], na qual a uma relação de parentesco. Ser professora [ou professor] para Freire (1997) indica uma responsabilidade profissional, exigindo-se além da formação, uma constante postura política da classe, o que nada teria haver com o papel de “boas tias” [ou de “bons tios”] [...].

Do nosso ponto de vista, a referência “tia” que as crianças utilizam para os adultos no contexto da ECEI (sejam eles profissionais da educação ou trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal), no caso da menção de Alice, ao professor orientador da pesquisa, está intimamente ligado aos movimentos que culminam na construção de uma relação mais afetuosa e carinhosa, o que podemos considerar como algo possível que o professor orientador possa se parecer fisionomicamente com seu tio, reforçando a ideia da relação de afeto. Contudo, concordamos com Fonseca (2021, p. 131) quando frisa que o uso da expressão “tia” é “uma prática que ainda merece ser levantada e questionada”.

Realizado o parêntese, voltemos as informações. Foi dito às crianças que estávamos na escola para realizar uma pesquisa e que tínhamos grande interesse em conhecer tanto elas quanto a escola Comunitária de Educação Infantil. Porém, para que pudéssemos realizar a etnografia, iríamos precisar que elas nos contassem coisas sobre a escola e também sobre elas. Retomamos nos apresentando novamente, ressaltando onde estudávamos e apresentamos o professor orientador da pesquisa. Este diálogo

---

<sup>8</sup> Nas primeiras visitas ao campo, as crianças identificaram a pesquisadora (autora principal) como professora. No tempo do campo e com os vínculos construídos a professora assumiu o lugar de amiga da turma e as crianças começaram a chamá-la pelo seu nome. Foi observado também que as crianças costumavam referir-se aos adultos, profissionais da educação e, também trabalhadoras/es do Aterro Sanitário Municipal que tinham alguma atuação na escola Comunitária de Educação Infantil, como professor.

sucinto foi necessário para situar o momento e organizar as crianças para o próximo passo: o campo, ou melhor dizendo, o lugar e o local escolhidos.

Perguntamos às crianças se alguém sabia dizer onde iria acontecer a pesquisa. Colocamos em destaque a ficha 4, com a imagem aérea do Aterro Sanitário Municipal, e voltamos a perguntar quem saberia identificar aquele lugar. Diferentemente das fichas inicialmente apresentadas, Isaac tomou a ficha ilustrativa somente para si, sem compartilhar com os colegas. Neste momento, foi preciso convidá-lo a dividir com as demais crianças a ficha que ilustrava o Aterro Sanitário Municipal, passando-a de mão em mão sob o olhar minucioso dos infantes.

**Isaac:** *Eu sei! A escola! A nossa escola [apontando o dedo e indicando a escola na ficha].*

**Pesquisadora:** *Além da escola, quais os outros lugares que esta imagem está nos mostrando?*

**Isaac:** *O galpão...*

**Pesquisadora:** *Quem trabalha aqui no galpão?*

**Davi:** *[espontaneamente levantando o dedo] Meu pai.*

**Isaac:** *A mãe...*

**Pesquisadora:** *Quem é que trabalha aqui? Aqui [apontando especificamente o galpão central].*

**Isaac:** *Hum... o caminhão, vai ali colocar os lixos todos os dias.*

**Pesquisadora:** *Isso! E a tua mãe trabalha aqui?*

**Isaac:** *A mãe trabalha lá nos sacos de lixo.*

**Pesquisadora:** *É? E a tua mãe Júlia, onde tua mãe trabalha?*

**Júlia:** *No refeitório.*

**Isaac:** *Profe, profe, profe [chamando a minha atenção e solicitando que virasse a imagem para ele].*

**Pesquisadora:** *Oi, Isaac.*

**Isaac:** *O que é isso aqui? [apontando para o lago do chorume].*

**Pesquisadora:** *Aqui, [indicando com o dedo o lago], é onde fica o lago. Lembra quando vocês me convidaram para ir lá conhecer os jacarés?*

**Davi e Alice:** *Eu lembro! No dia da horta com o "seu" João.*

**Pesquisadora:** *Isso, aqui é onde fica o Jacaré. A horta do "seu" João fica mais ou menos aqui [indicando o local na imagem].*

**Isaac:** *E aqui, óh? [Isaac se mostrava curioso à imagem apresentada].*

**Pesquisadora:** *Aqui são as outras bacias, os lagos que têm ali, bem próximo do lago do jacaré.*

**Alice:** *Deixa eu ver [direcionando minha mão de forma que ela conseguisse visualizar melhor].*

**Pesquisadora:** *Onde a tua mãe trabalha Alice?*

**Alice:** *Trabalha aqui! [indicando para o galpão central] (Diário de campo, 29 maio 2022).*

Nas minúcias dos olhares das crianças, foi possível contextualizar o lugar em toda sua amplitude: o bairro e o campo escolhidos para a realização da etnografia. Nesta amplitude, as crianças destacaram o Aterro Sanitário Municipal, a escola, os espaços de trabalho de suas mães, os espaços onde brincavam e desenvolviam as atividades propostas pela Escola Comunitária de Educação Infantil. Após a apresentação do lugar, procuramos delimitar e dar evidência ao local (ficha 5). Exibimos, para as crianças, a imagem específica da Escola Comunitária de Educação Infantil. A imagem selecionada

para o TALE e usada paralelamente na composição da ficha foi realizada em uma das nossas visitas à escola no início do mês de fevereiro de 2022, durante o período de negociações para entrada em campo. Posicionamos a ficha ao lado da imagem da área territorial do Aterro Sanitário Municipal.

**Pesquisadora:** *E esta imagem aqui. O que é? [referindo-me à ficha 5].*

**Isaac:** *A escola...*

**Pesquisadora:** *Quem é que gosta de vir para a escola? [todas as crianças indicaram levantando a mão e pronunciando que gostam de ir à escola].*

**Pesquisadora:** *O que tem de bom na escola?*

**Alice:** *Fazer atividade...*

**Pesquisadora:** *O que mais?*

**Isaac:** *O parquinho, os amigos, andar de ônibus.*

**Davi:** *Comer, a horta, aprender as coisas.*

**Isaac:** *Brinquedo. Tem também os amigos que vêm trazer coisas para gente na escola.*

**Pesquisadora:** *O que mais Davi?*

**Davi:** *Desenhar...*

**Pesquisadora:** *O que você mais gosta?*

**Davi:** *Eu não consigo desenhar na minha casa, não tem lápis, minha mãe jogou fora.*

**Pesquisadora:** *Sério? Não acredito [enquanto conversava com Davi, Isaac pegou a ficha 5, com a imagem da escola em suas mãos e começou a me chamar].*

**Isaac:** *Olha, Profe, olha aqui! Tu bateu a foto faz muitos anos, porque olha! [apontando que na representação tinha ainda a cobertura do lado de fora da escola].*

**Pesquisadora:** *Isso, faz algum tempo que eu registrei esta foto, porque já tiraram a cobertura, não é?*

**Isaac:** *[apontou pela janela da sala] É, agora não tem mais (Diário de campo, 29 maio 2022).*

Neste tocante, o alerta que realizamos emerge da provocação suscitada por Isaac. Ao informarmos às crianças escolhidas<sup>9</sup> a participação na pesquisa, procuramos selecionar uma imagem que se aproximasse ao máximo do contexto delas, contudo, o olhar refinado de Isaac proporcionou a reflexão dos pesquisadores. Embora pareça banal, um mero detalhe na foto da escola, lócus da pesquisa, acabou por mudar o cenário externo. Assim, o modo de seleção dessas imagens poderia expressar a participação e o interesse das crianças fidelizando o contexto. Os autores Carvalho, Santos e Machado (2022, p. 44-45) tomam como exemplo o TALE produzido na recente dissertação de Santos (2021) e discorrem que:

[...] cada um dos desenhos que compõem o TALE foi criado especificamente para ele, assim como a escolha das fontes e da organização da narrativa. Sublinhamos

<sup>9</sup> Salientamos que, ainda que os sentidos da investigação estejam voltados para as crianças com idade entre 3 anos a 5 anos e 11 meses, não significa que as crianças com idade entre 0 meses a 2 anos e 11 meses, ficaram invisíveis aos olhares etnográficos produzidos no campo. Acreditamos que para compreender os bebês, é necessária uma metodologia própria que a Antropologia dos Bebês apresenta, incluindo “[...] sintonizar-se com as formas somáticas de comunicação com teorias locais sobre a comunicação dos bebês [...]” (Gottlieb, 2009, p. 326). Para saber mais: Gottlieb, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores). Psicologia, USP, 2009.



a importância de considerar as crianças participantes na elaboração dos termos de assentimento, no sentido de que estes estejam contextualizados às especificidades delas, assim como o quanto o cuidado com a estética também se caracteriza como um movimento do âmbito ético.

Como considerado pelos autores e já evidenciado na manifestação de Isaac, por que não produzir o TALE a partir da seleção de fotos e/ou imagens que contemple a participação, as manifestações e os desejos das crianças? Para Buss-Simão e Agostinho (2023, p. 17): “[...] o compromisso de garantir a participação das crianças nas pesquisas ganha mais urgência visto que este modo de fazer pesquisa é também um modo de criar uma narrativa da infância, é teorizar sobre a infância e as crianças”.

À luz da argumentação das autoras acerca da participação das crianças, destacamos as constatações realizadas por Isaac, quando observava a ficha 6 que representava o grupo de crianças convidadas a participar da etnografia.

**Isaac:** *[observava atentamente a imagem das crianças na ficha 6] Eu não me lembro dessas fotos...*

**Pesquisadora:** *Estas fotos aqui são de outras crianças...*

**Isaac:** *Eu não gostei destas fotos [colocando de lado a ficha ilustrativa].*

**Pesquisadora:** *Você não gostou? Essas imagens são de outras crianças, aqui são outras crianças que eu trouxe para mostrar para vocês...*

**Isaac:** *Este não é o Enzo?*

**Pesquisadora:** *Não, não é o Enzo. Em um outro momento podemos repetir esta apresentação com as fotos de vocês, pode ser?*

**Isaac:** *[insistia em tentar identificar alguns colegas] Mas parecia com o Enzo...*

**Pesquisadora:** *É muito parecido com o Enzo mesmo.*

**Isaac:** *Bem pequeno, óh! O cabelinho, óh. E esse parece com o Bruno.*

**Pesquisadora:** *Ah é, o cabelo é parecido com o do Bruno.*

**Isaac:** *Ele é desse tamanho assim (Diário de campo, 29 maio 2022).*

Para ilustrar esta ficha, buscamos selecionar na internet imagens de um grupo de crianças brincando (ficha 6). A escolha por uma imagem aleatória ocorreu pelo nosso receio de colocar em evidência a imagem das crianças, sem um prévio assentimento delas, contudo, a escolha não foi bem aceita pelo grupo de infantes participantes que começaram a manifestar seus descontentamentos através de hipóteses e comparações acerca das crianças. Eles se frustraram por não estarem nas imagens.

Diante das expressões acerca das imagens escolhidas, podemos refletir sobre os modos de formulações e escolhas das imagens e textos para construção do TALE. Nesse sentido, tomamos como exemplo a reflexividade produzida por Carvalho, Santos e Machado (2022) a partir da leitura das dissertações defendidas pelo grupo de pesquisa em Linguagens, Currículo e Cotidiano de Bebês e Crianças Pequenas (CLICK). Os autores destacam a ampliação dos modos de criação dos termos de assentimento. Destacam ainda que logo no início das pesquisas desenvolvidas pelo grupo:



[...] as produções buscavam trazer textos e determinadas imagens, de acordo com as informações apresentadas, como se observa nas pesquisas de Machado (2019), Bertasi (2019) e Tebaldi (2020) as produções buscavam trazer textos e determinadas imagens, de acordo com as informações apresentadas (Carvalho; Santos e Machado, 2022, p. 42).

Para além dos desafios impostos, os autores citam “a recente dissertação de Santos (2021) ‘em formato de revista, procurando trazer uma narrativa que conta a ‘história’ sobre a investigação” (Carvalho; Santos e Machado, 2022, p. 42). A vista dos desafios e provocações das crianças, por que não construir o TALE junto a elas? Não seria este um dos modos mais respeitosos e contextualizados com o campo dos Estudos Sociais das Infâncias?

Prosseguimos para a segunda etapa, na qual informamos sobre como e quando ocorreriam as visitas, bem como os aspectos que dialogam com o sigilo e privacidade da identidade dos participantes e o convite à participação (fichas 7, 8, 9, 10, 11 e 12). Anunciamos às crianças que iríamos visitá-las pelo menos duas vezes na semana, às vezes passaríamos o dia com elas e, em outras, permaneceríamos na escola em um turno – manhã ou tarde. Continuamos informando que, sempre a partir dos seus consentimentos, quando necessário, iríamos utilizar o aparelho de celular para fotografar (ficha 11), mas que a interação com eles aconteceria, principalmente, através do observar participante (ficha 8). Salientamos, ainda, que com frequência eles iriam nos ver com um pequeno caderno, o diário de campo (ficha 8), onde realizamos os registros das coisas que participamos e vivenciamos na Escola Comunitária de Educação Infantil com elas e com as/os profissionais que ali trabalham, deixando claro o quão importante eram as anotações.

Enquanto exploravam as fichas ilustradas (7, 8 e 9) referentes aos instrumentos metodológicos para produção de informações, Júlia fez lembrar da sua interação e desenhos representados no diário de campo. Ainda, faz jus sublinhar que, no tempo do campo, no que tange à utilização esporádica dos instrumentos dos registros fotográficos, utilizamos a prerrogativa de que apenas “o consentimento dos pais ou professores não basta” (Alderson, 2005, p. 424), para além da prerrogativa anunciada, foi imprescindível consultar e informar às crianças “sobre seu interesse em participar” (Carvalho; Santos; Machado, 2022, p. 41). Neste mesmo tocante, nos utilizamos da reflexividade construída pelos autores, quando surgiu a necessidade de transformar as crianças em atores sociais, copesquisadores (Pastore, 2021), na pesquisa. Após as manifestações de interesse delas, ofertamos a cada uma o aparelho telefônico, para que elas pudessem produzir os seus registros. Neste sentido, foi necessário informar

novamente os responsáveis e as crianças, uma vez que, com o instrumento fotográfico, os registros aconteceriam não apenas pelo olhar da pesquisadora, mas também sob os olhares das crianças. As imagens produzidas foram organizadas em pastas digitais e identificadas com a data correspondente no diário de campo. Explicamos ainda às crianças o nosso interesse e que, através daqueles instrumentos, queríamos saber como elas significam a escola (ficha 9).

Acentuamos ainda um outro aspecto de extrema relevância e que nos acompanhou em diferentes momentos da etnografia e que também apresenta relação com a confidencialidade (ficha 10).

**Pesquisadora:** *Tudo o que vocês me contarem vai ser o quê?*

**Isaac:** *Vai ser um segredo [pegando a ficha 10 com a ilustração de um cadeado].*

**Pesquisadora:** *Tudo que vocês me contarem e que eu registrar no diário de campo será nosso segredo, eu não revelarei o nome de vocês. Combinado?*

**Enzo:** *Combinado, pode deixar.*

**Pesquisadora:** *Tenho uma ideia! O que vocês acham de escolhermos outros nomes ou apelidos para usar na pesquisa? (Diário de campo, 29 maio 2022).*

As crianças, principalmente Davi e Isaac, expressaram não gostar da ideia, pois, segundo eles, gostavam muito dos seus nomes e não queriam trocar nem para a pesquisa. De certo modo, as manifestações de Davi e Isaac apresentavam-se como a mais coerente, uma vez que as pesquisas com crianças vêm buscando evidenciar o que as crianças têm a nos dizer. A ocultação dos seus nomes seria uma maneira de não legitimar e tirar delas a autoria das informações produzidas e significadas por elas dentro de suas culturas. Kremer (2019), ao discutir as especificidades éticas de uma pesquisa com crianças, constrói argumentos contundentes e críticos para o uso dos nomes verdadeiros das crianças (Dornelles; Fernandes, 2015; Vasconcelos, 2015), bem como para o anonimato ou uso de nomes fictícios nas pesquisas (Ferreira, 1998; Fonseca, 2010).

Como se pode notar, a sugestão de solicitar às crianças que escolhessem apelidos para si (Kramer, 2002), ou ainda, fazer o uso de nomes fictícios, não foi acolhida pelas crianças e veio ao encontro da reflexividade de Kramer (2002), quando ressalta que o uso de nomes fictícios seria também um problema, pois estaríamos negando às crianças sua condição de sujeitos, apagando-as da pesquisa ao desconsiderar suas identidades (Kremer, 2019).

Diante dos desejos expressos pelas crianças e a pauta ética adotada durante o processo etnográfico, defendemos que a participação das crianças “implica ter parte nas decisões e não apenas ser informado ou receber parte de alguma coisa” (Wertheim; Argumedo, 1985, p. 16), de modo que suas participações sejam realizadas “num

exercício de diálogo intergeracional e de compartilhamento de poder, uma prática democrática que envolve negociação e compromisso” (Agostinho, 2010, p. 101). Assim, com o peso das reverberações dos desejos e manifestações das crianças, optamos por utilizar na escrita do relatório (dissertação) os seus nomes verdadeiros, exceto para os casos de nomes compostos, nos quais preservamos o uso apenas do primeiro ou segundo nome, privilegiando aquele mais utilizado pelas crianças.

Houve ainda, durante essa etapa, um instante no processo de apresentação no qual as crianças já estavam um pouco cansadas, então foi preciso informar, muito brevemente, sobre os riscos e resguardar suas vontades de participar ou não a qualquer momento. Com o radar ético atento às demandas do momento, foram reorganizadas as fichas restantes e, a partir da nova organização, exibimos a ficha 11 com a ilustração de um telefone. Mostramos para elas a ilustração e informamos que caso não fosse realizado o que até então estávamos negociando, que a coordenadora dispunha do contato para dizer que não estaríamos cumprindo com nossas negociações. Também informamos que seus pais tinham acesso ao mesmo contato. Comumente foi esclarecido que suas mães, pais ou responsáveis já haviam consentido em suas participações, mas que precisava saber delas, das crianças, se de fato queriam participar da pesquisa, pois o nosso interesse era saber do desejo delas de participar ou não e nos auxiliarem a compreender como elas significavam a escola.

**Pesquisadora:** *Vocês lembram que eu disse que tinha um convite para fazer a vocês? Então o convite é quem de vocês quer participar da pesquisa? Quem de vocês vai me ajudar no trabalho da minha escola? [mostrei a elas a ficha 12, com a ilustração dos emoticons que representam o sinal de positivo e o sinal de negativo, e assim pedi para eles apontarem se concordavam ou não em participar].*

*As crianças ficaram eufóricas e começaram a pular gritando: "Eu quero, eu quero".*

**Pesquisadora:** *Todos vocês querem participar? (Diário de campo, 29 maio 2022).*

Frisamos, novamente, que eles poderiam a qualquer momento retirar seus desejos de participação e que, caso se sentissem envergonhados com alguma situação e/ou não quisessem verbalizar, poderiam utilizar a ficha 12, que ficaria exposta em um lugar acessível e visível na sala de referência.

**Pesquisadora:** *Um certinho com o dedo polegar para cima, significa que sim, que vocês querem participar e, um certinho com o polegar para baixo, significa que não, que vocês, naquele momento, não querem participar.*

**Sara:** *Não é assim. Isto é like e não like [referindo-se à ficha 12].*

**Pesquisadora:** *E o que isso quer dizer, você pode me explicar, Sara?*

**Sara:** *Ué, like e não like. Que está legal e que não está legal [as crianças acolheram as expressões da Sara e com like assentiram naquela ocasião suas rir participações] (Diário de campo, 29 maio 2022).*

A expressão “Like” (curti, amei, gostei) e “Não like” (não gostei, não amei, não gostei) significado no campo por Sara e, comumente utilizado pela cultura digital, destaca a relevância dos movimentos culturais que se estabelecem no cotidiano por meio das relações e diálogos, a exemplo da relação construída pela infante, manifestando que curtiu, que está aprovado ou que quer participar da pesquisa através da imagem do *emoji* com o dedo polegar para cima, ou ainda, que não curtiu, que está desaprovado utilizando-se da imagem do *emoji* com o dedo polegar para baixo. Diante desses aspectos, Pereira (2014, p. 62) explica que a multiplicidade de linguagens se expressa pela “capacidade de transitar por elas, de traduzi-las, misturá-las, mixá-las. Fazer da palavra, gesto. Do movimento, som. Da escrita, sensações. Da vida, arte”.

No final da apresentação, as crianças permaneceram manuseando as fichas e, sem o compromisso de seguir as etapas da pesquisa, fomos interagindo e fazendo trocas com elas.

**Pesquisadora:** *O que você encontrou, Davi? O que está vendo na ficha que você escolheu?*

**Davi:** *O lago dos jacarés [ficha 4].*

**Alice:** *Aqui é certo e errado [referindo-se à ficha 12, dos emoticons “like e não like”, como representado por Sara].*

**Davi:** *Não, Alice, agora não, eu estou vendo agora a plantação [ficha 4].*

**Alice:** *Me dá aqui tu! [solicitando a ficha 1 representada com a minha foto] (Diário de campo, 29 maio 2022).*

As crianças permaneceram ali por mais alguns minutos manuseando as fichas e observando atentamente cada imagem. O formulário do TALE foi repassado alguns dias depois da apresentação através das fichas, normatizando e formalizando o processo. Na oportunidade contamos novamente com a professora itinerante Juliana, retomando todas as etapas. As crianças registraram suas marcas através do seu autorretrato, impressão do dedo ou ainda do seu nome. Mesmo após a realização do TALE como documento legal e formal, foi necessário ter a clareza e tomar o cuidado de que ele não se sobreporia aos desejos das crianças nem durante o processo de pesquisa nem no contexto da escola (Machado; Carvalho, 2020).

Portanto, na construção e manutenção dessa relação, entre a pesquisadora (autora principal) e as crianças, foi preciso, sobretudo, manter acionado um radar ético ao longo de todo o processo investigativo com as crianças, (re)negociando e realizando a manutenção das anuências e participações. Nesse sentido, concordamos com Buss-Simão (2022, p. 80) pois, “[...] a noção de assentimento no decurso da observação participante, traz indicativos para que, efetivamente, adotemos uma atitude política frente a cidadania das crianças e seus modos de ser criança e de viver a infância”.

Salientamos que, no decurso da etnografia, as crianças efetivamente foram informadas e seus direitos em assentir participar ou não foram respeitados, pois, assim como Roriz e Padez (2017, p. 83-84 *apud* Pastore, 2021, p. 261), compreendemos que, em uma etnografia com crianças, “os dilemas éticos que encontramos no trabalho de campo são diferentes das preocupações éticas espelhadas nos procedimentos de revisão ética formais”, sobretudo, quando, com crianças, “aceitar participar não significa querer, o tempo todo, estar em participação” (Pastore, 2021, p. 261). Assim, sinalizamos que para além do TALE, a negociação demarcou a relação da pesquisadora com as crianças ao longo de toda etnografia na Escola Comunitária de Educação Infantil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos o objetivo desenhado para este texto, o qual foi o de relatar as vivências e reflexões éticas produzidas em uma etnografia com crianças de idade entre 3 anos e 5 anos e 11 meses, que frequentam a Escola Comunitária de Educação Infantil situada na área territorial do Aterro Sanitário Municipal, no litoral norte gaúcho, representado emicamente como lixão, durante o procedimento de apresentação do TALE.

Especificamente em relação ao TALE, enquanto instrumento de mediação neste processo que viabiliza a escuta e a participação de cada criança – sua permanência ou interrupção –, frisamos a importância de o referido documento estar em constante diálogo com as crianças.

Como provocado pelas crianças da Escola Comunitária de Educação Infantil durante a apresentação do TALE, “*Isaac: Eu não gostei destas fotos!*”, “*Alice: O que é isso?*”, “*Natalia: Eu não sei quem é este homem.*”, pontuamos a importância dos estudos com (para/sobre) crianças dialogarem com estas perspectivas e reflexões, principalmente estar “atento ao fato de que trabalhar com crianças é estar em tempos outros, não lineares, e que envolvem um cuidado da sua idealização à concretude” (Pastore, 2021, p. 263).

Neste sentido, finalizamos este diálogo compartilhando que a etnografia produzida junto às crianças buscou compreender, de fato, as crianças e as pessoas participantes enquanto sujeitos e atores sociais, respeitando cada “*Like*” ou “*Não like*” expresso pelas crianças, ou seja, procuramos abrir espaço para suas participações de forma contínua e negociada, demarcando uma pauta ética construída a partir da relação

entre pesquisadora e crianças ao longo de toda etnografia na Escola Comunitária de Educação Infantil do lixão.

Conceber uma etnografia com crianças é sempre delicado, no sentido de que a relação que se estabelece, a todo momento, é passível de modificações quanto à participação e aos modos de estar e de querer, ou não, permanecer na pesquisa. Com isso em vista, a relação de consentir foi, de forma contínua, negociada. A participação – sua permanência ou interrupção – foi construída em constante diálogo e em respeito às decisões, buscando uma pesquisa que entendesse, de fato, as crianças e as pessoas participantes enquanto sujeitos e atores sociais, com competência de decisão.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na educação infantil**. 2010. 334 f. Tese (Doutorado em Estudo da Criança) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11195/1/Tese.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200007>. Acesso em: 22 abr. 2024.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: CNS, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: CNS, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas**. 2012. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: [https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/29\\_11\\_2012\\_8.48.06.9d5726f0ea4be58bd5fdef3b7c24e82a.pdf](https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/29_11_2012_8.48.06.9d5726f0ea4be58bd5fdef3b7c24e82a.pdf). Acesso em: 22 abr. 2024.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Assentimento no decurso da observação participante nas pesquisas com crianças: acionando o radar ético. Em R. S. de Carvalho (Org.).

**Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na educação infantil.** Porto Alegre: CirKula, 2022. p. 57-83.

BUSS-SIMÃO, Márcia; AGOSTINHO, Lucilene Morais. "Você tá filmando a gente, né?": escuta e participação na pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 29, p. 1-21, jan./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc29202350547>. Acesso em: 22 abr. 2024.

CANCLINI, Néstor García. **Cultura y Comunicación: entre lo global y local.** La Plata: Ediciones Periodismo y Comunicación, 1997.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas.** Porto Alegre: L&PM, 1998.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de (org.). **Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na educação infantil.** Porto Alegre: CirKula, 2022.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; MACHADO, Sandro. Pauta ético-metodológica em discussões sobre pesquisa com (sobre/para) crianças na educação infantil. *In*: CARVALHO, Rodrigo Saballa de (org.). **Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na educação infantil.** Porto Alegre: CirKula, 2022. p. 25-56.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; TEBALDI, Lisiane Rossatto. Ética na pesquisa com crianças: investimentos teóricos, reflexões e desafios em investigações na educação infantil. **Revista Diálogo Educacional**, Porto Alegre, v. 23, n. 76, p. 18-46, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/256492/001165336.pdf?sequence=1&sAllowed=y>. Acesso em: 22 abr. 2024.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** São Paulo: Zahar, 2005.

CORSARO, Willian Arnold. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200008>. Acesso em: 22 abr. 2024.

DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natalia. Estudos da criança e pesquisa com crianças: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39721/1/dornelles-fernandes.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

FERREIRA, Maria Dylma da Silva. **Vozes infantis, elos de coletividade: a criança da favela no seu contexto sociocultural.** 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1998.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia "em casa". *In*: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta (org.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo.** Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 205-227.



FONSECA, Tatiana Renzo. **“Eu prefiro ser pequena...porque eu sou pequena!”**: relações de idade entre meninas e meninos na educação infantil. 2021. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48137/tde-29112021-122512/publico/TATIANA\\_RENZO\\_FONSECA\\_rev.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48137/tde-29112021-122512/publico/TATIANA_RENZO_FONSECA_rev.pdf). Acesso em: 22 abr. 2024.

FRANCISCO, Deise Juliana; AZEVÊDO, Edjane Mikaelly Silva de; FERREIRA, Adilson Rocha. O termo de assentimento livre e esclarecido em uma pesquisa com robótica educacional: reflexões de um percurso. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 8, n. 4, p. 334-343, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2791>. Acesso em: 22 abr. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200003>. Acesso em: 22 abr. 2024.

KREMER, Claines. **“Quem é grande é quem sabe alguma coisa, mas quem é pequeno e que sabe coisa nova todo dia”**: as versões das crianças sobre o aprender na escola. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202369/001107789.pdf?sequence=1&sAllowed=y>. Acesso em: 22 abr. 2024.

MACHADO, Sandro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Notas de campo: percursos éticos e metodológicos em uma pesquisa com crianças na educação infantil. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 28, p. 159-175, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2039>. Acesso em: 22 abr. 2024.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia. São Paulo: Cultural, 1978.

MIRANDA, Juliana de Oliveira Freitas *et al.* Construção e aplicação de um termo de assentimento: relato de experiência. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e2460016, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017002460016>. Acesso em: 22 abr. 2024.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 2 maio. 2024.

PASTORE, Marina Di Napoli. Pesquisa com crianças moçambicanas: ética, construção e relações. **Áltera**: Revista de Antropologia, João Pessoa, v. 2, n. 13, p. 245-266, 2021.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/59784/35675>. Acesso em: 22 abr. 2024.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Pesquisa com crianças. *In*: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (org.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p. 59-86.

PEREIRA, Rogério Santos. **Multiletramentos, tecnologias digitais e os lugares do corpo na educação**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123332>. Acesso em: 3 set. 2024.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 50-64, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss1articles/pereira.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

PEREIRA, Rita Ribes; GOMES, Lisandra Ogg; SILVA, Conceição Firmina Seixas. A infância no fio da navalha: construção teórica como agir ético. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 761-780, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/f9916270f651e11edbe6e5141d3afd01c/a-infancia-no-fio-da-navalha.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SANTOS, Luciano. Da competência no fazer à responsabilização no agir: ética e pesquisa em Ciências Humanas. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 244-256, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.12i1.0013>. Acesso em: 22 abr. 2024.

VASCONCELOS, Queila Almeida. **Crianças bem pequenas no cotidiano da escola**. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/131061/000979945.pdf?sequence=1&allowed=y>. Acesso em: 22 abr. 2024.

WERTHEIN, Jorge; ARGUMENTO, Manuel. **Educação e participação**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

#### "LIKE OU NÃO LIKE": A ESCUTA, A PARTICIPAÇÃO, A NEGOCIAÇÃO E A ANUÊNCIA DAS CRIANÇAS DA ESCOLA COMUNITÁRIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO LIXÃO

"Like or not like": the listening, participation, negotiation and consent of children from a community primary school at the dump

#### **Vanessa Silva Bernardes**

Mestra em Educação  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Osório, Brasil  
[vanessa-bernardes@uergs.edu.br](mailto:vanessa-bernardes@uergs.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-6901-648X>

#### **Eduardo Rangel Ingrassia**

Mestre em Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
Osório, Brasil  
[eduingrassia@gmail.com](mailto:eduingrassia@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0005-9346-9434>

#### **Leandro Forell**

Doutor em Ciências do Movimento Humano  
Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
Osório, Brasil  
[leandro-forell@uergs.edu.br](mailto:leandro-forell@uergs.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-8946-4773>

### ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Sepé, 2728, apto 403, CEP 95.555-000, Capão da Canoa, RS, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos as crianças, os profissionais da educação da Escola Comunitária de Educação Infantil Cantinho da Esperança Pessi e os trabalhadores do Aterro Sanitário Municipal de Capão da Canoa, por nos permitirem adentrar em seus universos, os quais nos possibilitaram viver intensas, complexas e fascinantes experiências durante o fazer etnográfico.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** V.S. Bernardes, E. R. Ingrassia, L. Forell

**Coleta de dados:** V.S. Bernardes

**Discussão dos resultados:** V.S. Bernardes, E.R. Ingrassia, L. Forell

**Revisão e aprovação:** V.S. Bernardes, E.R. Ingrassia, L. Forell

### CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CAAE: 64734322.0.0000.8091 - Aprovado em 29 de novembro de 2022.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

### LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

**PUBLISHER** – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

**EDITORES** – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

**HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 04-05-2024 – Aprovado em: 02-11-2024